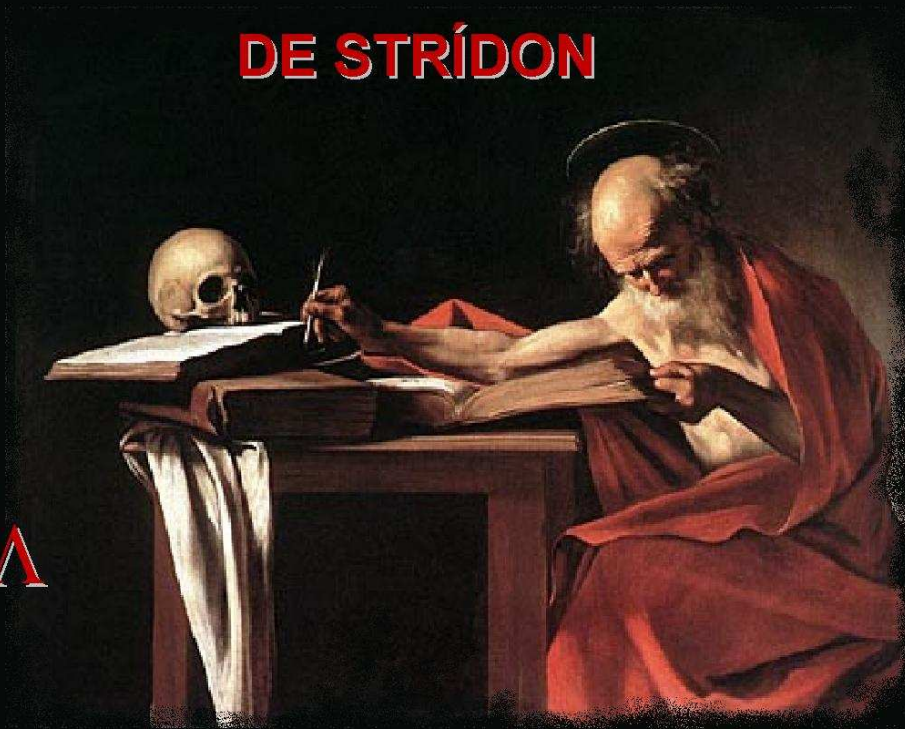


**SÃO JERONIMO
DE STRÍDON**

ε Λ



CONSTRUÇÃO DO CRISTIANISMO

Roberto Aguilar M. S. Silva

**Membro Vitalício da Academia Maçônica de Letras
de Mato Grosso do Sul, Brasil**

São Jerônimo de Strídon e a Construção do Cristianismo

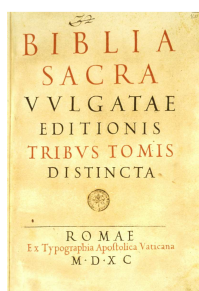
Roberto Aguilár M. S. Silva
Membro Vitalício da Academia Maçônica de Letras
de Mato Grosso do Sul, Brasil

(Strídon, c. 347 - Belém, 30 de Setembro de 420), nascido EusébioSofrônio (Sofrônio) Jerónimo (em latim: *Eusebius Sophronius Hieronymus*; em grego: Εὐσέβιος Σωφρόνιος Ἱερώνυμος) foi um padre apologista cristão ilírio. É conhecido sobretudo como tradutor da Bíblia do grego antigo e do hebraico para o latim. A edição de São Jerónimo, a *Vulgata*, é ainda o texto bíblico oficial da Igreja Católica Romana, que o reconhece como Padre da Igreja (um dos fundadores do dogma católico) e ainda doutor da Igreja. Nasceu em Strídon, na fronteira entre a Panónia e a Dalmácia (motivo pelo qual também é chamado de *Jerónimo de Strídon*), no segundo quarto do século IV .



Strídon, na fronteira entre a Panónia e a Dalmácia

Faleceu perto de Belém, em sua cela, próximo à gruta da Natividade. A *Vulgata* foi publicada cerca de 400 d.C., poucos anos depois de Teodósio I ter feito do cristianismo a religião oficial do Império Romano (391). *Vulgata* é a forma latina abreviada de *vulgata editio* ou *vulgata versio* ou *vulgata lectio*, respectivamente "edição, tradução ou leitura de divulgação popular" - a versão mais difundida (ou mais aceita como autêntica) de um texto.



Vulgata

As críticas

Os críticos da tradução da *Vulgata*, apoiam-se neste trecho para afirmar que Jerônimo teria adulterado o seu conteúdo na tradução do texto grego para o latino:

"Obrigas-me fazer de uma Obra antiga uma nova... da parte de quem deve por todos ser julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido. Qual, de fato, o douto e mesmo o indouto que, desde que tiver nas mãos um exemplar, depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se ponha imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros? (Meclamitans esse sacrilegum qui audeam aliquid in verteribus libris addere, mutare, corrigere). Um duplo motivo me consola desta acusação. O primeiro é que vós, que sois o soberano pontífice, me ordenais que o faça; o segundo é que a verdade não poderia existir em coisas que divergem, mesmo quando tivessem elas por si a aprovação dos maus". (Obras de São Jerônimo, edição dos Beneditinos, 1693, t. It. Col. 1425).

Nos seus primeiros séculos, a Igreja serviu-se sobretudo da língua grega. Foi nesta língua que foi escrito todo o Novo Testamento, incluindo a Carta aos Romanos, de São Paulo, bem como muitos escritos cristãos de séculos seguintes. A *Vulgata* foi produzida para ser mais exata e mais fácil de compreender do que suas predecessoras. Foi a primeira, e por séculos a única, versão da Bíblia que verteu o Velho Testamento diretamente do hebraico e não da tradução grega conhecida como Septuaginta.

No Novo Testamento, São Jerônimo selecionou e revisou textos. Ele inicialmente não considerou canônicos os sete livros, chamados por católicos e ortodoxos de deuterocanônicos. Porém, seus trabalhos posteriores mostram sua mudança de conceito, pelo menos a respeito dos livros de Judite, Sabedoria de Salomão e o Eclesiástico (ou Sabedoria de Sirac), conforme atestamos em suas últimas cartas a Rufino. Chama-se, pois, *Vulgata* a esta versão latina da Bíblia que foi usada pela Igreja Católica Romana durante muitos séculos, e ainda hoje é fonte para diversas traduções. O nome vem da expressão *vulgata versio*, isto é "versão de divulgação para o povo", e foi escrita em um latim cotidiano, usado na distinção consciente ao latim elegante de Cícero, do qual Jerônimo era um mestre.

A denominação *Vulgata* consolidou-se na primeira metade do século XVI, sobretudo a partir da edição da Bíblia de 1532, tendo sido definitivamente consagrada pelo Concílio de Trento, em 1546. O Concílio estabeleceu um texto único para a *Vulgata* a partir de vários manuscritos existentes, o qual foi oficializado como a Bíblia oficial da Igreja e ficou conhecido como *Vulgata Clementina*. Após o Concílio Vaticano II, por determinação de Paulo VI, foi realizada uma revisão da *Vulgata*, sobretudo para uso litúrgico. Esta revisão, terminada em 1975, e promulgada pelo Papa João Paulo II, em 25 de abril de 1979, é denominada Nova *Vulgata* e ficou estabelecida como a nova Bíblia oficial da Igreja Católica.

Além do texto bíblico da *Vulgata*, ela contém prólogos dos quais a maioria foi escrita por Jerônimo. Esses prólogos são escritos críticos e não eram destinados ao público

em geral. O tema recorrente dos prólogos se refere à primazia do texto hebraico sobre os textos da Septuaginta (LXX), em grego koiné¹.

Como o Novo Testamento foi escrito

Durante quase 1500 anos, o Novo Testamento (NT) foi copiado à mão em papiro e pergaminho. Hoje, existem cerca de 5.500 manuscritos espalhados em museus e bibliotecas do mundo. Há desde pequenos fragmentos a Bíblias inteiras escritas em grego e o mais antigo manuscrito neotestamentário é um pedaço de João cap. 18, do Século II com apenas algumas palavras, descoberto no Egito e que provavelmente foi copiado do original.

não existem manuscritos autógrafos (escritos pelo próprio autor) de nenhum livro do Novo Testamento, diante disto, podemos nos fazer algumas perguntas:

1)As inúmeras versões existentes hoje são próximas ao original ou pretensamente iguais?

2)Até que ponto os textos discrepantes entre os manuscritos comprometem a mensagem geral inspirada.

3)Os textos duvidosos, acrescentados posteriormente são parte significativa ou não no contexto geral da Bíblia?

4)Quando lemos o NT, será que estamos lendo realmente os autores apostólicos?

No estudo do texto bíblico, existem dois caminhos: A crítica textual (que estuda os diferentes manuscritos, suas variações textuais e versões) e a crítica histórica (que estuda as questões como composição, o autor, a data, o lugar e as circunstâncias em que foi escrita a obra em análise).

Essencialmente, o NT estava completo antes do final do ano 100, sendo que a maioria dos livros foi escrita entre 20 e 50 anos antes e a maioria das cópias existentes hoje, as mais completas são do Séc. IV, uma distância de apenas cerca de 300 anos. Até a invenção da imprensa, o texto era transmitido através de um processo laborioso de cópias manuais em que eram empregados materiais rústicos como peles de animais. Os pergaminhos eram feitos de peles de ovelhas ou carneiros que após serem banhadas com cal, eram raspadas e colocadas para secar em uma moldura de madeira, depois de secas, as folhas eram costuradas e enroladas em hastes de madeira, formando um rolo que poderia ter até 10 metros de comprimento.

A escrita sobre o pergaminho era feita com estiletes de cobre, bronze ou penas de ganso.

Por ser caro, às vezes os pergaminhos eram raspados para dar lugar a um escrito mais importante (palimpsesto). Como para a crítica textual o escrito mais antigo é mais importante, foram criadas técnicas não destrutivas para recuperar o texto anterior. O nome pergaminho, provavelmente se deriva da cidade de Pérgamo, na Ásia menor, onde o processo foi criado.

Já o papiro, é uma planta com um caule mais ou menos da espessura de um punho, abundante no Rio Nilo, no Jordão e nas margens do lago Hulé na Fenícia (Jó 8.11), ele era batido e lavado, as fibras eram cortadas em tiras e colocadas em duas camadas transversais que eram alisadas postas a secar, depois de secas, era passada uma resina vegetal que colava as camadas. Após isso, as folhas eram coladas umas as outras formando um rolo.

¹ Grego Koine (em grego: Ελληνιστική Κοινή AFI: [koinɛ̞], Mod.Gk. kī'ni elini'kij, "grego comum", ou ἡ κοινή διάλεκτος, Mod.Gk. [i kī'niði'alektos], "o dialeto comum") é a forma popular do grego que emergiu na pós-Antiguidade clássica (c.300 d.C – AD 300).

Depois dos manuscritos gregos, a maior fonte de estudo para a crítica textual do NT são as antigas versões que surgiram em função do crescimento do cristianismo nas diversas regiões do Império Romano, onde os diversos grupos étnicos não dominavam a língua original dos escritos do NT. Tais versões começaram a aparecer já no II Século. As mais importantes são a siríaca, a latina e a copta.

O siríaco era falado na Síria, Mesopotâmia na Palestina. Como a Igreja rapidamente entrou nestas regiões onde surgiram grandes centros cristãos como Antioquia e Edessa que não dominavam o grego, surgindo assim, a necessidade da versão para a língua local. Aceita-se que as primeiras versões foram feitas por volta do ano 150, ou pouco depois.

As versões latinas que se distinguem são duas: a Antiga Latina, feita até o final do Século IV e a Vulgata Latina, preparada por Jerônimo entre 383 e 405. As evidências indicam que surgiram no norte da África, provavelmente em Cartago e que daí, espalharam-se pela Europa como na Itália, Gália, e Espanha, locais onde a língua predominante era o latim. Portanto, as versões latinas, são divididas em dois grupos: a africana, mais fluída e livre e a européia, uma nova versão, um pouco mais elaborada. Para o AT, Jerônimo baseou-se em manuscritos hebraicos, mas, para o NT, apenas revisou traduções latinas existentes. Em vista disto, as versões baseadas na Vulgata, devem ser usadas com cautela. Esta versão foi alcançando muito lentamente aceitação, até que no século VIII e IX, impô-se de modo universal, a Vulgata Latina continuou sendo usada e copiada até o Século XIII. O título de "Vulgata" significa comum, ou de uso público.

O copta representa o último estágio de desenvolvimento da antiga língua egípcia, que consistia de diversos dialetos e era escrito com caracteres gregos misturados com as línguas locais, devido à grande colônia judaica no Egito, o cristianismo lá entrou cedo, particularmente em Alexandria.

Referencia bibliográficas

BALASAR. A. Jerónimo de Stridon. Padre e Doutor da Igreja, Santo ca. 340-420. http://alexandrinabalasar.free.fr/jeronimo_de_stridon.htm. Acesso em 16. maio. 2010.

LOPES, F. G. *Crítica Textual do Novo Testamento*. Estudo sobre os manuscritos do novo testamento. <http://www.webartigos.com/articles/20192/1/Critica-Textual-do-Novo-Testamento/pagina1.html>. Acesso em 16. maio. 2010.

WIKIPÉDIA. Sao Jeronimo de Stridon. http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B3nimo_de_Str%C3%ADdon. Acesso em 16. maio. 2010.